
*Castilhos e Honorina: fragmentos biográficos em cartas de amor*¹

*Elisabete Leal**

Resumo: As obras que tratam de analisar o personagem histórico Júlio de Castilhos concentraram-se principalmente no aspecto político de sua trajetória ou na sua personalidade, contribuindo para a construção de um mito político. Este texto destaca aspectos sentimentais de sua vida em dois períodos: quando jovem estudante de Direito e, logo depois, quando noivo de Honorina da Costa. Para isso, são analisadas as cartas de Castilhos para a noiva, escritas durante os meses que antecederam ao casamento, realizado na cidade de Pelotas, em maio de 1883.

Palavras-chave: Júlio de Castilhos, cartas, biografia, romantismo.

Abstract: Works dealing with the analysis of the historical figure of Júlio de Castilhos concentrate mainly either on the political aspect of his career path or on his personality, contributing to the construction of a political myth. This text highlights sentimental aspects of his life in two periods: as a young Law student and, shortly later, as the fiancée of Honorina da Costa. For this purpose, letters from Castilhos to his fiancée are analyzed, which were written during the months before the wedding, which took place in Pelotas in Mai 1883.

Key words: Júlio de Castilhos, letters, biography, romanticism.

*Honorina, Desejo tanto saber os pensamentos que te
ocupam o espírito, se são uniformes ou diversos,
se se referem a mim ou não!*
(Cartas de Júlio de Castilhos, 1993, p. 43)

Quem diria que Júlio de Castilhos foi um romântico? Seus inúmeros biógrafos nunca destacaram tal faceta. As obras que tratam de analisar o personagem histórico Júlio de Castilhos concentram-se grande parte em revelar o aspecto político de sua trajetória, algumas vezes de sua personalidade e

* Doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: elisabeteleal@uol.com.br

contribuem, em certa medida, para a construção do mito político. Aqui, o objetivo não é fazer uma biografia completa de Castilhos, mas de alguns períodos de sua vida: quando jovem estudante de Direito e, logo depois, quando noivo de Honorina. Evidentemente, o objetivo não é alimentar um pouco mais o mito, e se somar às outras tentativas biográficas, mas mostrar o outro lado, o homem Júlio de Castilhos, aquele que se mostra nas cartas de amor à noiva Honorina.²

Othelo Rosa, diretor do jornal do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), *A Federação*, entre 1925 e 1930, e secretário particular de Borges de Medeiros, publicou a primeira grande biografia de Júlio de Castilhos em 1928. Nela, o autor louva aspectos da personalidade e da obra política de Castilhos, contribuindo para sua glorificação cívica, como o “herói criador” e “consolidador” da República no Brasil (Rosa, 1930, p. 317). O envolvimento político de Rosa com a continuidade do projeto castilhista nos governos de Borges de Medeiros deu um tom enaltecedor à biografia de Castilhos. O ano de sua primeira publicação também é significativo. Em 1928 iniciou-se o desmoronamento desse projeto, com o afastamento do poder da primeira geração republicana, seguidora de Castilhos e Borges, com o qual Rosa era ligado. A biografia de Castilhos marcou simbolicamente o legado político dessa geração.

Sérgio da Costa Franco, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), também publicou, em 1967, a biografia de Castilhos. O livro reproduz inúmeros artigos jornalísticos de Castilhos e sua correspondência. Faz um extenso panorama do meio político em que Castilhos atuou, buscando compreender a sua época. O autor mostra grande admiração por Castilhos, enquanto personalidade política, dizendo que na história brasileira não houve personagem igual. Alguns se aproximaram, como Floriano Peixoto e Getúlio Vargas, mas não reuniram todos os talentos de Castilhos (Franco, 1988, p. 183).

Outro trabalho importante sobre Castilhos é o livro *O castilhismo: uma filosofia da República*, originalmente dissertação de mestrado de Ricardo Vélez Rodrigues, apresentada em 1975, na PUC-RJ. Neste trabalho, o autor partiu da biografia de Castilhos, dividindo-a em período de formação intelectual, ascensão ao poder e fim do mandato presidencial, para analisar o fenômeno político do castilhismo. Para o autor, o castilhismo foi uma filosofia política adaptada do positivismo comteano, centrada na “moralização dos indivíduos através da tutela do Estado” e fundada nas “virtudes republicanas” (Rodrigues, 1980, p. 8-9). Neste trabalho, as etapas da vida de Castilhos são elencadas de forma a mostrar a origem, composição e prática da filosofia castilhista.

A biografia de Castilhos escrita por Mozart Pereira Soares, membro do IHGRS e guardião da Capela Positivista de Porto Alegre, procura explicar os pontos de aproximação entre as idéias políticas de Castilhos e o positivismo. Soares entende que Castilhos foi um homem que se preparou para a conquista e exercício do poder político. Não foi um intelectual; foi um ideólogo, no sentido de seguir uma doutrina, não de criar uma nova (Soares, 1991, p. 31). O livro reproduz o texto da Constituição do Rio Grande do Sul de 1891.

Os positivistas da Igreja Positivista do Brasil consideram que essa Constituição Estadual foi uma adaptação da Constituição Federal proposta por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, diretores da Igreja, quando do Congresso Federal Constituinte em 1890. Castilhos, quando deputado dessa primeira constituinte republicana, assistiu, no Rio de Janeiro, às conferências públicas de Teixeira Mendes acerca de seu projeto de Constituição chamado *Bases de uma Constituição política ditatorial federativa para a República Brasileira*. Para Carlos Torres Gonçalves, outro membro da Igreja Positivista e um dos fundadores do grupo de positivistas religiosos no Rio Grande do Sul, diversos artigos e parágrafos da Constituição gaúcha são iguais aos da Constituição proposta pela Igreja, “frases inteiras têm a mesma redação das equivalentes das Bases, e em todo o contexto denuncia a influência destas” (Gonçalves, 1963, p. 29).

Em 1877, então com 17 anos, Castilhos iniciou seus estudos de Direito na Academia do Largo de São Francisco, em São Paulo, participando dos intensos debates em torno da escravidão, da Igreja, da monarquia e da República, debates que se acaloravam e davam o tom das soluções políticas para a crise monárquica. Nas últimas décadas do século XIX, várias doutrinas filosóficas oriundas da Europa afluíram ao Brasil e disputaram adeptos na geração intelectual. Disseminadas nos meios acadêmico, militar, jornalístico, jurídico, artístico, etc., essas teorias, muitas vezes misturadas de forma incoerente, sustentaram a crítica ao regime monárquico e escravista e a defesa entusiástica do republicanismo. No meio desses debates e disputas doutrinárias, esses grupos tinham em comum o desejo de encontrar uma solução civilizatória para o País. Organizados em clubes, associações, sociedades, ateliês e centros acadêmicos; criando jornais e revistas para publicarem seus manifestos e participando de passeatas, procissões e comícios públicos, a geração intelectual das décadas de 1870 e 80 usou estratégias de ação política coletiva, tais quais outros movimentos estrangeiros, como o abolicionista americano e o republicano francês (Alonso, 2000, p. 19).

Castilhos descreveu essa época, dizendo-se orgulhoso de estar atualizado com os debates de seu tempo.

Nestes tempos de revolução e de movimento dos espíritos, em que todos os departamentos dos conhecimentos humanos têm sofrido verdadeiras transformações radicais em virtude dos maravilhosos trabalhos dos pensadores deste século, é preciso ler muito, estudar muito para não se ficar aquém do movimento geral e complexo que se opera harmonicamente na ciência, na religião, na arte, em tudo, enfim (Cartas de Júlio de Castilhos, 1993, p. 28. Doravante referido como Cartas).

Os jovens estudantes, colegas de Castilhos, se dedicavam à publicação de jornais acadêmicos, à oratória, à declamação de poesias e ao debate público. Castilhos, porém, preferia sempre a expressão escrita à oral, já que desde criança era gago, problema que se impôs à sua vida política. Para Love, seu forte era o jornalismo, talento primeiramente demonstrado quando estudante, depois como propagandista do regime republicano e, finalmente, como editor d'*A Federação* (Love, 1975, p. 32).

Com isso, ficou conhecido entre seus colegas acadêmicos como um jovem de estilo sério, de poucas palavras, mas enérgico e voluntarioso. Silva Jardim, um de seus contemporâneos, revelou, em suas memórias, as características daqueles que freqüentavam a república estudantil na rua Santo Amaro, onde moravam. De Castilhos, Jardim lembrou que “falava pouco e lia muito os oradores da Revolução Francesa” (Franco, 1988, p. 20).

Essa geração de Castilhos, reunida nas repúblicas estudantis e nos clubes acadêmicos, foi caracterizada por Paulo Prado no livro *Retrato do Brasil*, de 1928. Especialmente no capítulo sobre o romantismo, o autor discorre sobre as origens rousseauianas do romantismo, dizendo que dele vem o “egocentrismo sentimental e exibicionista, o sonhar inútil e solitário, o orgulho e o espírito de revolta” [...] “O mundo ia embriagar-se com palavras” (Prado, 2000, p. 77-78). Os intelectuais estavam seduzidos pela grandiloqüência da fraseologia e pela retórica política.

O estilo retórico nos textos dos intelectuais brasileiros foi caracterizado por José Murilo de Carvalho. Ele observou que intelectuais como Oliveira Viana, Manoel Bonfim e Sérgio Buarque de Holanda reconheceram o gosto dos brasileiros por algum tipo de retórica, com o uso corrente de citações de autores estrangeiros e de expressões latinas, e por muito verbalismo e pouca observação e raciocínio. O encanto pela palavra sonora se distinguiu nos discursos políticos, pela declamação, que, na Retórica corresponde à elocução (Carvalho, 2000, p. 129-130).

Contrário ao movimento em voga, Castilhos repudiava as atitudes passionais e românticas, a eloqüência na Retórica política e reclamava por “mais idéias e menos palavras [...] não os arrebatamentos de imaginação,

que podem agradar, seduzir mesmo, mas são incapazes de produzir convicções sérias e vigorosas” (Franco, 1988, p. 19). Com outras palavras, Paulo Prado fez, junto com Castilhos, a auto-crítica de sua geração, dizendo que o mal romântico deformou “insidiosamente o organismo social, muitas vezes sob disfarce de inteligências brilhantes em que a facilidade de apreensão e de expressão substitui a solidez do pensamento e do estudo” (Prado, 2000, p. 83).

Castilhos não gostava de discursar, e seus textos restringiram-se a artigos jornalísticos e editoriais; a sua correspondência, foi publicada depois de sua morte em 1903, até mesmo em função da carência de escritos políticos, pois não publicou livro algum. Sobre seus textos políticos em jornais e cartas, Soares entende “que em uma época em que era moda o ornato e o preciosismo retórico”, Castilhos era sóbrio e conciso, assim como lacônico (Soares, 1991, p. 89).

Se nos textos políticos Castilhos demonstrou que não acompanhava o modismo do rebuscamento retórico, a “divinização da Palavra” (Prado, 2000, p. 83), nas cartas particulares dirigidas à sua noiva Honorina, meses antes do casamento, mostrou-se um verdadeiro romântico.

Antes de ir para a Academia de São Paulo, Castilhos namorava a irmã do amigo João Daudt Filho. Em 1881, já formado, retornou ao Rio Grande do Sul e rompeu abruptamente o longo relacionamento, fato que lhe custou a amizade do cunhado. Escrevendo-lhe, explicou os motivos de tal atitude, alegando que os impulsos do coração colidiam com a vontade sagrada de sua mãe (Franco, 1988, p. 22).

Após o rompimento com a primeira namorada, Castilhos passou a se relacionar com Honorina da Costa, jovem da cidade de Pelotas. O casamento aconteceu em 17 de maio de 1883. Por meio dos pacotes, ele enviou 16 cartas para a noiva, nos três meses que antecederam o acontecimento. Uma das últimas cartas foi acompanhada de uma fotografia sua.

Nesse período, o casal ficou separado – ele na Fazenda da Reserva, na região de Santa Maria, e depois em Porto Alegre, e ela em Pelotas. O tom romântico, apaixonado e de sofrimento pela separação aparece nas cartas. Sobretudo nas duas primeiras após a separação, Castilhos descreveu os tormentos da partida da noiva e a tristeza e tédio que o assolou nos primeiros dias. Nessa série de cartas, apenas nas duas primeiras utilizou-se de versos poéticos para expressar a dor da solidão, pois dizia não saber fazê-lo melhor com suas próprias palavras.

A primeira carta [ver na íntegra em anexo] trata somente da descrição desse sofrimento, tentando exprimir a Honorina o que ele sentia. O verso para ele resumia tudo:

“Sem ti, a vida é a morte;
O mundo-cárcer fechado[...]” (Cartas, 1993, p. 20).

Na segunda carta, a descrição da saudade continua, acompanhada agora de notícias sobre a viagem até a Fazenda da Reserva, seus trabalhos e o cotidiano. Ao final da carta Castilhos introduziu um tema que será motivo de discussão entre o casal, nas próximas cartas: Honorina escrevia de forma contida, reservada e breve. Castilhos chamava de “cartinhas” as lacônicas cartas da noiva. Das 16 cartas enviadas, em sete delas há reclamações e observações sobre a brevidade e a pouca frequência das cartas da noiva. Aproveitando esse assunto, Castilhos sugeriu como Honorina deveria escrever, indicando que ele próprio se utilizava desse método. Assim ele orientou:

Escreve-me, e escreve-me sempre. Não tenhas constrangimento, nem embaraços; como te disse muitas vezes, desejo mesmo que escrevas em linguagem livre, inteiramente espontânea e fluente. Deixa a pena correr livremente sobre o papel, e o que escreveres eu lerei com imenso júbilo — como o transunto fiel do que sentes, do que pensas e do que fazes. Sendo assim, ser-te-á muito fácil escrever-me sempre com a máxima frequência e minuciosidade (Cartas, 1993, p. 23).

Além da desavença sobre as cartas da noiva, outro assunto foi alvo de discussão do casal, agora movido pelo ciúme. Honorina pediu informações a Castilhos sobre uma vaga como professor de desenho da Escola Normal, em Porto Alegre, para um antigo professor. Na carta do dia 3 de abril, Castilhos respondeu que investigou o assunto e que haveria um concurso para preencher tal vaga. Na carta seguinte, de 8 de abril, ele completou as informações sobre o assunto. Entre essas duas cartas, Honorina escreveu-lhe dizendo que ele estava de má-vontade de prestar as informações. Isso provocou uma irada resposta de Castilhos, revelando que sentia sobretudo ciúmes. Diz ele:

Foste injusta. E para te ser inteiramente franco e sem reservas, dir-te-ei que o que houve não foi um mau acolhimento ao teu pedido. Longe de mim isso. Houve, sim, um pequenino desgosto originado do seguinte motivo: é que, além de serem sempre tuas cartas extremamente lacônicas, tu transformaste em principal assunto delas o assunto referente às informações pedidas; quer dizer isso que em vez de me falares de ti muito, do que fazes e do que pensas, te ocupaste em toda a tua carta desse assunto estranho. [...] E para concluir esse estéril assunto, repito que estou muito e muito longe de acolher mal qualquer pedido que me faças, quando mais este tão insignificante (Cartas, 1993, p. 43).

Paulo Prado caracteriza o “mal romântico” com dois princípios: uma hipertrofia da imaginação e a exaltação da sensibilidade. Sobre esse segundo princípio ele resume que “o romântico adora a própria dor”, além de ter obsessão pela morte. Morte e amor eram os dois refrões da poesia brasileira daquela época (Prado, 2000, p. 84-85).

É possível que Castilhos fosse sincero na descrição de seus sentimentos, pois “o mal romântico” marcou o cotidiano, os modos de sentir, as afeições, os relacionamentos e as formas de expressar o sentimento (Prado, 2000, p. 83). Se de fato Castilhos expressava seus sentimentos de forma livre e espontânea, descrevendo o sofrimento e a dor, chegando a dizer que chorou enquanto via a noiva se afastar no horizonte: “despertando dessa inconsciência momentânea, pude sentir os olhos enuveados por duas ardentes lágrimas febris!”, então podemos ver “um Castilhos sem a couraça” (Cartas, 1993, p. 7). Se não gostava da retórica política, sabia manipular bem a retórica sentimental.

Como todo apaixonado, Castilhos era curioso acerca dos assuntos da noiva. Em uma das cartas de Honorina para Castilhos, ela incluiu uma carta para a futura sogra, com uma fotografia sua. Castilhos confessou que, indiscreto, abriu-a movido por curiosidade. Da foto disse que não gostou, pois era de uma “imperfeição desagradável”, mas tomou o cuidado de não ferir os sentimentos de Honorina, completando: “Desastrada impotência da máquina” (Cartas, 1993, p. 46).

A partir da terceira carta, o discurso apaixonado do sofrimento da distância apareceu em meio às notícias, não sendo mais central. Nessa terceira carta, especialmente, Castilhos questionou Honorina sobre seus estudos de filosofia e artes, advertindo-a da seguinte maneira: “não deverás esquecer as muitas ocupações que pesam sobre ti, concernentes aos teus estudos” (Cartas, 1993, p. 26-29). Dentre essas ocupações podemos supor: a de esposa conselheira, que deveria ter um mínimo de conhecimentos para cumprir tal função; a de esposa de um homem público, com todas as implicações sociais que isto significa; e a de futura mãe, que educaria adequadamente os filhos. Certamente Castilhos não desconhecia a frase de Molière, inúmeras vezes epígrafe de textos sobre as mulheres, no jornal *A Federação*: “Consinto que a mulher de tudo tenha luzes, mas da mulher doutora eu fujo e faço cruzes”.³ A esposa deveria ser sábia e estar à altura intelectual do marido, estudando e de tudo sabendo, mas mantendo-se esposa.

Comte fez eco às palavras de Molière. O projeto comteano para as mulheres tem como princípio a superioridade moral e intelectual dessas com relação aos homens e sua natureza fisicamente dependente destes, base

para a defesa do trabalho doméstico e a crítica à profissionalização feminina. Na doutrina comteana, a mulher não é somente objeto de um discurso, mas sujeito de um projeto, no entanto, essa doutrina dá com a mão direita e tira com a esquerda, diz que ela tem proeminência social, mas defende que é no lar que ela a exercerá⁴ (Petit, 1976, p. 311).

Junto com a recomendação de que Honorina deveria estudar diariamente, Castilhos estipulou um plano de estudo adaptado aos seus desejos. Nele encontrava-se o estudo da música e do canto, observando que a noiva possuía bela voz, porém, não estando perfeitamente educada.

Busca, pois, completar-lhe a educação. Quando esta for tal que permita aproveitar todos os fecundos recursos naturais que tua voz possui, então, sim, ela atingirá o máximo grau de desenvolvimento, de energia, de beleza e de expressão. É a educação o único elemento que lhe falta ainda, porque o elemento natural, aquele que não se adquire, aquele que é um dom artístico – a intuição musical – tu a tens, por assim dizer, genial para interpretar com talento e com expressão admiráveis as grandes páginas da música moderna, da majestosa e ardente música do século! Muitas vezes te disse isso, e repito-te-o agora. A expressão é tudo na arte (Cartas, 1993, p. 26).

Completando os estudos das artes, recomendou também a pintura, dizendo que pintasse somente uma tela, “mas que tenha realidade, palpitação de vida, expressão do real, enfim, terás conseguido um triunfo, e eu ficarei contente”(Cartas, 1993, p. 27). Ainda alertou a Honorina que nunca mais copiasse, trabalhando sempre com sua própria concepção, pois a cópia comprimia o talento do artista. Para ele os trabalhos artísticos de Honorina eram muito importantes. Em uma das cartas, quando descrevia a chácara que alugara em Porto Alegre para morarem após o casamento, Castilhos fez questão de frisar que se preocupou que tivesse um lugar apropriado para o ateliê de Honorina.

Finalizando as recomendações para a noiva, discorreu sobre os estudos filosóficos, principalmente a introdução nos conhecimentos da ciência positiva, como esses estudos deveriam ser feitos e a ordem das leituras.

Embora te pareçam um pouco áridos e sem atrativos, esses estudos devem te merecer demasiada atenção e muito trabalho. Tua leitura deve ser meditada, refletida e feita metodicamente, sendo mister que, à medida que fores finalizando a leitura de cada uma das obras, busques resumir mentalmente todos os princípios expostos e desenvolvidos. Procedendo assim, quando chegares ao termo da leitura total, *conhecerás de modo lúcido o que é a filosofia moderna, positiva, a única verdadeiramente científica*, porque compreende a universalidade dos conhecimentos demonstrados e positivos. E então

compreenderás conscientemente o incalculável proveito que tirará o teu espírito desses estudos, que são a única base do saber positivamente científico. Nestes tempos de revolução e de movimento dos espíritos, em que todos os departamentos dos conhecimentos humanos têm sofrido verdadeiras transformações radicais em virtude dos maravilhosos trabalhos dos pensadores deste século, é preciso ler muito, estudar muito para não se ficar aquém do movimento geral e complexo que se opera harmonicamente na ciência, na religião, na arte, em tudo, enfim. Ora, eu que tenho alguma ufania de não andar muito aquém do meu tempo, quero que tu, a minha companheira de todos os momentos e de todos os transe e lutas da vida (e quão agitada e tempestuosa vai ser a minha vida de rebelde e indisciplinado!), *quero, digo, que tu tenhas o espírito preparado identicamente ao meu; de forma que ele seja sempre para mim uma fonte perene de sugestões fecundas, de inspirações providenciais!* [...].

Essa preparação consiste, por enquanto e preliminarmente, no estudo das obras que te proporcionei. Posteriormente terá ela o seu complemento indispensável em estudos que *tereis a satisfação vivaz de dirigir pessoalmente*, conforme já te havia prevenido. Sobre a ordem da leitura não tenho nada a acrescentar, visto que de certo conservas a indicação dela – por escrito – que te forneci. Não deves alterá-la, nem esquecê-la (Cartas, 1993, p. 28). [Grifos meus]

Percebe-se uma orientação metodológica de como os estudos deveriam ser realizados, com leitura ordenada, meditada, buscando resumir mentalmente o que foi estudado. Ao final desta mesma carta, Castilhos reconheceu que tal montante de obras é numeroso, acabando por absorver muito tempo da noiva, mas a estimulou, argumentando que “o teu talento excepcional e o teu esforço os vencerão, *com método e ordem*” (Cartas, 1993, p. 29). [Grifos meus]

Anexo a essa carta, estava o roteiro de leituras filosóficas que Castilhos organizou para a noiva, todas voltadas para o estudo do positivismo.⁵

Ordem da leitura

I – Comte e o Positivismo: – T. Bastos

II – Fragmentos de Filosofia Positiva, com especialidade os 2 capítulos que têm por título: – De la philosophie positive e Paroles de philosophie positive

III – Comte e a Philosophia Positiva: – E. Littré

IV – Os demais capítulos dos Fragmentos (Cartas, 1993, p. 71).

Castilhos procurou orientar os estudos da noiva segundo suas convicções filosóficas, determinando as obras que deveriam ser lidas, sem alteração da seqüência, sob o risco do resultado ser diferente do que esperava. Tal ordem de leitura demonstra a insuficiência dos conhecimentos filosóficos

da futura esposa, que deveria ser sanada através da leitura dessas obras, visando introduzi-la na filosofia moderna positiva, “a única verdadeiramente científica”, para Castilhos.

Mais tarde, Castilhos, sabendo por Dona Anninha (mãe de Honorina) que ela não se estava dedicando à música e ao canto, somente fazendo leituras e pintando, advertiu-a de que a falta de tempo não deveria ser a justificativa para isso, pois “com uma boa *divisão de trabalho*, havendo *método e sistema*, tu dispões de tempo de sobejo para estudares tudo quanto constitui o programa que te tracei, com permissão prévia de ti” (Cartas, 1993, p. 42). [Grifos meus]

Esse plano de estudos, com as obras prévia e refletidamente estipuladas, além de metodologia específica, foi de comum acordo estabelecido entre os noivos. Podemos supor que Castilhos, reconhecidamente autoritário na vida pública, tenha sugerido tal plano e método de estudos à sua futura esposa. Também podemos pensar que Honorina, sentindo-se intelectualmente inferior ao noivo, tenha solicitado que este guiasse seus estudos de artes e filosofia. Enfim, uma ou outra explicação leva-nos, também, à idéia defendida por Comte de que a mulher não deveria ficar exposta à ignorância. Ao contrário, deveria estudar e “ter clarezas a respeito de tudo” para que pudesse dirigir a iniciativa doméstica, a educação dos filhos e o aconselhamento ao marido (Comte, 1983, p. 309).

As biografias de Castilhos se baseiam principalmente nos seus textos jornalísticos e em suas cartas de cunho político. Quanto às cartas para Honorina, pouco são referidas. Às vezes, cita-se esta terceira carta, em que Castilhos faz as recomendações de estudos à noiva, pois confirma sua adesão filosófica ao positivismo. Nessas biografias, essa carta é necessária para a representação de Castilhos como coerente doutrinariamente, na vida pública e familiar. Mas a terceira carta também mostra que, independente do positivismo, Castilhos acreditava no poder do esclarecimento e dos livros, extensivo também à mulher, embora ela não devesse ter pretensões profissionais.⁶ Mostra, igualmente, que, ainda que as intenções de Castilhos fossem boas, ele não deixava de expressá-las em tom autoritário. Durante essas recomendações de estudo, ele repetiu “meus desejos” e “eu desejo” cinco vezes. Em se tratando de Castilhos, não podemos interpretar isso apenas como um artifício estilístico.

Tema também importante nas cartas é o trabalho político que Castilhos estava fazendo naquele momento, pois elas foram escritas em pleno período de propaganda republicana no Estado. Castilhos, embora não fosse ainda o líder do partido, estava diretamente envolvido nesse trabalho de fixação das

bases partidárias pelo interior do Rio Grande do Sul. Ele atuava em sua região, Santa Maria, quando por lá estava resolvendo assuntos familiares.⁷

O movimento republicano no Rio Grande do Sul foi estabelecido de forma organizada, como partido político, no início da década de 1880, portanto, tardiamente em relação aos partidos dos outros Estados. O PRR foi um partido pequeno mas organizado, baseado em férrea disciplina doutrinária. “Com sua sede em Porto Alegre, espalhou-se pelo interior através de um trabalho de elitismo, dirigido a partir da executiva do partido” (Pinto, 1986, p. 10). Em fevereiro de 1882, ocorreu uma convenção regional do Clube Republicano de Porto Alegre. Castilhos, advogado recém-formado, participou dessa convenção, como relator da comissão de imprensa. No ano seguinte, realizou-se o 1º. Congresso Republicano, onde foi decidido fundar o jornal *A Federação*, que começou a circular em 1º. de janeiro de 1884. Nesse mesmo ano, ocorreu o 2º. Congresso Republicano, onde foi estabelecido o programa do partido.

Pudemos perceber tal sistemática de atuação nas cartas de Castilhos à noiva Honorina. Dos diversos lugares em que se encontrava, Castilhos relatava as tentativas de organização do incipiente PRR. Estando em Santa Maria, resolvendo negócios particulares, disse que aproveitaria a oportunidade para estabelecer o partido:

Depois [de resolver os negócios], percorrerei este município para despedir-me dos amigos e companheiros políticos e *dar um impulso final para o crescimento do partido republicano daqui, que quero deixar, ao partir, solidamente organizado*, a fim de que em minha ausência nenhum incidente embarace a sua marcha (Cartas, 1993, p. 22-23).
[Grifos meus]

Em outra carta, Castilhos revelou que estava tendo muito êxito na propaganda política. “Tenho sido muitíssimo feliz na excursão: obtive em toda parte um acolhimento esplêndido, que absolutamente excedeu a minha expectativa. Nunca contei com os aplausos que recebi” (Cartas, 1993, p. 65).

A notícia sobre o 2º. Congresso Republicano, ocorrido em 1883 e a resolução de fundar o jornal *A Federação*, do qual Castilhos foi eleito redator, recusando tal cargo, foram também relatadas a Honorina.

Do que nele ocorreu comunico-te apenas o que mais te pode interessar. Fui efetivamente eleito redator da futura Folha Republicana, mas, apesar das maiores instâncias dos meus amigos, recusei esse cargo terminantemente. Essa recusa não foi mais do que resultado de uma deliberação anterior, profunda e maduramente meditada. Tive de ser insensível aos delicados e insistentes pedidos dos meus amigos e do meu partido, que queria confiar-me a honra

de representá-lo na imprensa. Razões poderosas moveram-me a manter inalterável minha recusa; de viva voz te as exporei. Em meu lugar foi eleito o Venâncio Aires (Cartas, 1993, p. 33).

O fato de Castilhos informar à futura esposa os acontecimentos que envolveram a propaganda republicana e os “progressos” do partido pelo interior do Estado, além de orientar seus estudos artísticos e filosóficos, demonstra o desejo de que Honorina não fosse uma alienada, aquém de seu tempo. Assim como ele se preparava para uma vida pública agitada e tempestuosa, “vida de rebelde e indisciplinado”, ela igualmente deveria estudar e estar sempre informada para que pudesse cumprir com a função de esposa conselheira, “fonte de sugestões fecundas”.

A fragilidade de Castilhos quanto ao seu problema de gagueira também se revela nas cartas. É Honorina quem irá proporcionar apoio moral para Castilhos, ajudando-o a estabilizar a personalidade abalada devido ao problema. Como incipiente político, muitas vezes era obrigado a proferir palestras e discursos, práticas para ele muito dolorosas, difíceis e desgastantes. Em uma das cartas à noiva, revelou que deveria fazer uma conferência pública, tendo receio de “fiasco”, pois o assunto, além de difícil, exigia muita meditação. Embutido nesse receio, embora não dito, estava a dificuldade de falar. No entanto, não poderia desobedecer à comissão executiva do PRR. Terminou a carta pedindo evocações de felicidades para tal problema e que ele ficaria no “seio das incertezas aflitivas” (Cartas, 1993, p. 51-52). Interessante nessa passagem é a revelação que Castilhos fez a respeito das aflições e do medo. Em que outra documentação se encontraria a revelação de tais sentimentos? Ao contrário, no processo de construção de mitos e heróis políticos, pelo qual Castilhos também passou, essas demonstrações de fraqueza e humanidade são ocultadas, e os defeitos são renomeados. Na biografia de Castilhos escrita por Rosa é possível elencar quinze ou mais virtudes do mesmo. Elas são: coragem, grandeza humana, verdade, espírito enérgico, moralidade, autoridade sem par, retidão de vida pública e privada, lealdade, espírito de justiça, amor, riqueza de caráter, sem fraquezas e vícios, equilíbrio e bravura (Albeche, 1996, p. 65).

Na correspondência seguinte, relatando o resultado feliz da conferência, disse que no momento estava frio e sem entusiasmo, faltando sentimentos necessários para que o discurso tivesse vida.

Mas colocado no alto da tribuna, tendo diante de mim uma verdadeira floresta de cabeças para mim voltadas, e perto de meus olhos uma brilhante fileira de senhoras que me tinham ido ouvir, senti-me animado de entusiasmo; a presença delas, transportou-me instantaneamente a ti e à tua lembrança, inspirou-me deveras.

Lembrando-me de ti nesse momento excepcional, minha querida, a *inspiração* brotou-me como por encanto! E sob o teu poderoso *influxo inspirador* pude desenvolver o meu discurso desde o princípio até o fim. Os aplausos com que me cobriram pertencem de direito às minhas idéias políticas, ao meu partido; mas eu as deposito aos teus pés, porque tu fostes a minha *fonte inspiradora*, assim como *serás sempre a fonte das minhas inspirações na vida pública*, na vida de propagandista, de rebelde, de combate permanente, de luta sem tréguas, a que me destinam as minhas convicções e o meu temperamento irrequieto e inflamado (Cartas, 1993, p. 53-54). [Grifos meus]

Percebe-se o efeito tranqüilizador que a “fileira de senhoras” provocou no conferencista, pois lembrou-se imediatamente da noiva, sentindo segurança, conforto e ânimo para proferir a conferência e prosseguir o caminho da vida pública. Nessa carta, Castilhos usou a mesma expressão comteana, “inspiração”, e revelou um princípio importante para Comte: “o homem pensando sob inspiração da mulher” (Comte, 1983, p. 22). Como todas as cartas enviadas à Honorina foram escritas em período muito próximo ao casamento, o tema central das últimas cartas foi as providências para a cerimônia e o compromisso que seria assumido por ambos, o significado subjetivo do casamento para cada um.⁸

Em Porto Alegre, Castilhos esperou sua família para vinda de Santa Maria a fim de que partissem juntos até Pelotas para o casamento. Cada contratempo da viagem da família era relatado angustiadamente à noiva, pois significava que ainda não haviam partido para o evento. Castilhos observou que a sua “gente sempre foi muito morosa para viajar” (Cartas, 1993, p. 48). Tal era a incerteza que na carta de 3 de maio, Castilhos perguntou a Honorina se o casamento seria dia 12 ou 15, dependendo do dia da chegada. Ele acabou se realizando somente em 17 de maio.

Em meio à angustiante espera, Castilhos também revelou expectativa quanto à cerimônia, questionando o modo de efetuar-se o ato religioso, que, no seu entender, deveria ser em uma capela, livre de ostentações ou pompa. Disse ainda que, de forma combinada por ambos, deixariam de ceder a certos hábitos supérfluos “como, por exemplo, o *toilette* de noivado [...]”. Desde que o ato tenha a forma que desejo, esse vestido do costume torna-se uma verdadeira inutilidade” (Cartas, 1993, p. 34).

Neste mesmo assunto, Castilhos esboçou a concepção/definição de casamento e também expectativa quanto à futura vida em comum. Da mesma forma como se preocupou com o planejamento da cerimônia de casamento, indagou a Honorina sobre a preparação do seu espírito para o futuro compromisso.

Está ele [o espírito] bem preparado para a nova fase de tua vida? Tens meditado assaz a meu respeito e acerca da nossa próxima vida em comum. [...] É o que eu desejo, é o que eu espero confiadamente, nas aproximações do decisivo momento, do momento solenemente grave, que há de envolver-me no seio da eterna felicidade (Cartas, 1993, p. 34).

Percebe-se a idéia de que o casamento é um vínculo eterno, não podendo ser dissolvido sob nenhum pretexto. Outra expressão confirma a expectativa quanto ao futuro eternamente comum, dizendo que se sentia alegre “em face da aproximação do nosso dia imortal” (Cartas, 1993, p. 59). A concepção de casamento eterno revela o próprio desejo de que assim o fosse, independente da obediência ao sacramento selado diante do sacerdote, pois Castilhos não se apegava a tradições religiosas católicas e, provavelmente, as seguia no “dia imortal” do casamento em respeito à Honorina e à sua família.

Castilhos não era católico, tampouco era positivista religioso, mas é certo que a leitura de Comte ajudou a torná-lo irreligioso. Posições nesse sentido foram tomadas em pronunciamentos públicos. Na *Carta ao Secretário da Devoção do Menino Deus*, escrita em 1900, Castilhos rejeitou o posto de Juiz da mesa administrativa dessa confraria católica.⁹ Para justificar tal recusa, alegou que a adesão religiosa deve emanar “da identidade do ponto de vista, e repousar essencialmente sobre a pureza da crença do aderente convicto, a qual inspira, nutre e afervora o contínuo devotamento, sem restrições e sem intermitências” (Castilhos, 1900, p. 7-8). Apesar do respeito que dizia ter pela fé católica, não lhe nutria esse devotamento e crença, justificando que “ainda no alvorecer da minha adolescência, empreendi timidamente o estudo lento dos livros portentosos do Mestre dos Mestres – Augusto Comte.” (Castilhos, 1900, p. 9).

Nas duas cartas que escreveu no mês de maio, antes de partir ao encontro da noiva, Castilhos acentuou novamente as frases amorosas, afinal sofria de saudades pelos constantes adiamentos do encontro e do casamento. Dizia-se saudosos da voz “vibrante, harmoniosa e rejuvenescente” de Honorina e que no mesmo dia da chegada queria ouvi-la cantar o trecho de uma ária¹⁰ (Cartas, 1993, p. 50). O tema do adiamento da viagem e a incerteza da sua chegada eram constantes. “Reconheço mais uma vez que fui um herói de vontade para conseguir conservar-me aqui tanto tempo sem ver-te. Já basta de heroísmo. Parece-me que, se me fosse preciso esperar mais alguns dias além dos designados, ser-me-ia impossível aceitar o penoso sacrifício!” (Cartas, 1993, p. 60).

Na última carta enviada, antes de viajar para o casamento, Castilhos novamente extravasa sua veia poética e expõe seu sentimentalismo.

De sorte que até o fim de semana terei a infinita alegria de ver-te depois de séculos de sentidíssima ausência! Anseio febrilmente pelo rápido decurso dos poucos dias que nos separam, e que espero que passem tão rápidos quanto é irrequieta a impaciência que me domina! Parece até que já sinto irradiarem até cá os raios vivificantes que tu despedes de ti, meu sol! [...] (Cartas, 1993, p. 63).

O casamento durou 20 anos e foi interrompido pela morte de Castilhos, que ocorreu em 24 de outubro de 1903, na sua casa na Rua Duque de Caxias, em função de uma cirurgia na garganta. Todos os biógrafos concordam que sua morte foi prematura e ajudou a construí-lo como mito.

As cartas de Castilhos para Honorina foram doadas pela filha do casal, Eugênia Castilhos de Mendonça, ao Museu Júlio de Castilhos, provavelmente na década de 1930/40. Anos antes, em 1898, a Comissão Executiva do PRR comprou o prédio da Rua Duque de Caxias, n. 1231 e o doou a Castilhos para ele morar com a família, quando esse terminou o mandato como presidente do Estado. Hoje, o prédio é sede do museu. Em janeiro de 1903, Borges de Medeiros assinou o decreto criando um museu estadual; em 1905, o governo do Estado comprou essa casa, e a partir de 1907, o Museu passou a se chamar Júlio de Castilhos. Com um acervo eclético sobre o Estado do Rio Grande do Sul, reuniu também objetos pessoais de seu homenageado, inclusive as cartas para a noiva. A correspondência e o museu completaram o projeto de glorificação cívica de Castilhos.¹¹

Para Girardet

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real [...] exerce função explicativa, fornecendo certo número de chaves para compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos (Girardet, 1987, p. 13).

Na construção de mitos é inegável o poder das biografias, principalmente daquelas que selecionam momentos da vida do biografado em que ele pode se mostrar pleno de virtudes. Isto acontece, muitas vezes, nas biografias de Castilhos. Nessas, os textos jornalísticos bastam, pois mostram Castilhos como o “duro esgrimista da palavra” (Cartas, 1993, p. 7). As cartas à noiva, que podem mostrá-lo um pouco “sem a couraça”, são negligenciadas, pois um Júlio de Castilhos romântico é inconsistente com as representações que os biógrafos querem construir.

Anexo

Carta de Castilhos para Honorina

Honorina:

Foi cheio de tormentos o dia três! Lembro-me como se fora hoje!

Na mesma posição em que me deixaste ao lançar-te o último adeus com o olhar entristecido, conservei-me por largo tempo – alheado de tudo quanto me cercava e insensível às vivas solicitações da realidade importuna. Depois que o carro que te conduzia desapareceu na curva da estrada, e que se desfez, lentamente no curto horizonte a última coluna de pó levantada pelo trotar rápido dos cavalos, a qual segui com o olhar fixo e imóvel, foi que dei acordo de mim mesmo; e despertando dessa inconsciência momentânea, pude sentir os olhos enuveados por duas ardentes lágrimas febris!

Reconheci, então, com o coração feridamente despedaçado, a aflitiva dor em que a tua partida o envolveu! Já o havia dolorosamente previsto!...

Desde então uma densa nuvem de tristeza e de tédio juntamente desabou-me sobre o pobre espírito, que até hoje se conserva enuveado e como que exausto.

Embalde busco vivificar o dilacerado coração ao calor benéfico da segura esperança de ver-te dentro em breve!

Embalde quero inspirar-lhe vida e conforto, embalde! Esse pobre músculo – que se chama coração – parece não viver. Dir-se-ia que o levaste contigo.

É assim o tédio negro da ausência. Ausentando-te, parece que foi-se contigo também a própria vida, e que só sinto o vácuo em torno de mim, porque busco-te com olhar, e não te vejo mais!

Com mais expressão te direi, com o poeta meu amigo:

“Sem ti, a vida é a morte;

O mundo-cárcer fechado[...],”

.....

Mas, por que tentar exprimir-te o meu sentir? É baldado o meu intento; para conseguir-lo fora preciso dispor do teu pincel vigoroso e febril, possuir a intensidade da tua expressão artística.

Basta-me que pelo que tu sentes, possa atingir o grau de íntima dor que me tortura a alma desolada! Ouves?

– Do ponto em que me deixaste, depois de curta demora retrocedi pelo mesmo caminho por onde poucos momentos antes te havia acompanhado. Antes de entrar o sol, consegui chegar aqui depois de um percurso difficilíssimo – pelo interior sombrio da serra – galgando e descendo serros íngremes. Faze idéia do heroísmo de vontade que foi-me preciso ter para poder – no estado de desolação do meu espírito – aqui chegar naquele terrível dia!

– Já desempenhei-me de alguns dos afazeres que cá me trouxeram; e precisando muito regressar para Reserva, adieei o desempenho de outros para mais tarde. Resolvi não fazer já a digressão por todo o município, como fora minha intenção. Já-la-ei depois.

Parto hoje mesmo para Reserva, e lá espero receber em breve notícias tuas e de D. Anninha, pelas quais já estou ansioso.

De lá te escreverei logo.

Adeus. Lembra-te sempre do teu Júlio.

S. Maninho, 7 de fevereiro de 83 (Cartas, 1993, p.19-20).

Notas

¹ A primeira versão deste texto integrou minha dissertação de mestrado (Leal, 1996). Esta segunda versão, bastante modificada, teve por inspiração o texto de José Murilo de Carvalho sobre os bordados de João Candido, mas não implica qualquer comparação entre Castilhos e Candido. Sobre os bordados ver: Carvalho (1995). Agradeço a Karl Monsma pela leitura atenta.

² Mesmo não pretendendo fazer uma biografia completa de Castilhos, algumas informações básicas sobre sua vida são importantes para subsidiar este texto. Castilhos nasceu na Fazenda da Reserva, aproximadamente a 75 km de Santa Maria, em 29 de junho de 1860. Nesse lugar isolado, cresceu com os oito irmãos, a mãe e o pai, que morreu quando ele tinha 11 anos. Aprendeu as primeiras letras com a mãe e, depois, com uma professora particular, contratada para dar aulas a todas as crianças da família. Com dez anos, passou a estudar e morar em Santa Maria e depois em Porto Alegre. Em 1877, com 17 anos, iniciou os estudos de Direito em São Paulo, na Academia do Largo de São Francisco.

Retornou a Porto Alegre em 1881, iniciando sua trajetória política no PRR, na propaganda para a consolidação do partido. Em 1883, casou-se com Honorina e entre 1884 e 1890 tiveram seis filhos. Tornou-se em 1884 diretor e editor do jornal *A Federação* até 1889. Em 1890, foi eleito deputado federal constituinte pelo PRR. Reassumiu a direção do jornal em 1890 até 1892. A Constituição Estadual elaborada por ele foi aprovada em 1891, sendo então eleito presidente do Estado. Governou de julho a novembro, quando deixou o poder em função do golpe de estado de Deodoro da Fonseca. Em junho de 1892 retomou o poder, pois Floriano Peixoto nomeou-o novamente presidente do Estado. Durante seu segundo governo, ocorreu a Revolução Federalista, entre 1893 e 1895, que consolidou a hegemonia do PRR no Rio Grande do Sul, sufocando as tentativas oposicionistas. Em 1898, por sua influência, Borges de Medeiros assumiu o comando do Estado, até 1928, com apenas uma interrupção entre 1908 e 1913. Em 24 de outubro de 1903, Castilhos morreu na sua casa em Porto Alegre, em função de uma

traqueostomia, pois estava ameaçado por asfixia. Ver cronologia em: Soares (1991, p. 23-28).

³ Frase citada em: *A Federação*, 31 de agosto de 1904. Sobre os artigos acerca das mulheres, publicados no jornal *A Federação*, ver dissertação de mestrado da autora.

⁴ Esta é a conclusão do texto *Le féminisme militant d'un auguste phallocrate*, em que as autoras analisam o projeto social comteano tendo as mulheres como centro. Ver: Petit e Bensaud (1976).

⁵ O interessante nessa ordem de leituras filosóficas é que Castilhos não recomendou nenhum livro de Comte, embora todos os assinalados se refiram ao positivismo. As leituras II e IV, *Fragments de philosophie positive*, também são de Émile Littré. Este foi discípulo contemporâneo de Comte, propagandista do positivismo, mas não da proposta religiosa.

⁶ É possível comparar os projetos que Castilhos e Benjamin Constant tinham para as esposas por meio das suas cartas a elas. Benjamin Constant não se preocupou tanto com a formação intelectual da esposa, Maria Joaquina (Agradeço a Renato Lemos por esta informação). A diferença talvez esteja no fato de Constant ter sido mais religioso que Castilhos, pois é no positivismo religioso que Comte acentuou o projeto de regeneração moral por meio das mulheres, mães e esposas. Castilhos nunca seguiu a Religião da Humanidade, ao contrário de Constant.

⁷ Essas descrições sobre o trabalho político de propaganda feitas pelo próprio Castilhos demonstram seu grande envolvimento emocional na campanha, o que seria difícil perceber em outro tipo de texto. Os passos de Benjamin Constant nos dias que

antecederam a Proclamação da República foram analisados por Celso Castro, utilizando-se do diário da filha de Constant. Ele mostrou as impressões que a filha tinha do pai, naqueles dias cruciais para os rumos do País. Sobre isso ver: Castro (1995). Renato Lemos analisou as cartas de Benjamin Constant à sua esposa Maria Joaquina, quando este se encontrava na Guerra do Paraguai. O relato na primeira pessoa a alguém tão próximo como a esposa revela uma outra Guerra do Paraguai, versão até então não conhecida. Sobre isso ver: Lemos (1999). Essas cartas forma transcritas em: Lemos (1999).

⁸ A última carta dessa série foi enviada de Porto Alegre em 8 de maio e eles se casaram na Capela de Nossa Senhora da Luz, em Pelotas, em 17 de maio de 1883.

⁹ Esta carta acabou se tornando uma manifestação pública, sendo editada várias vezes n., *A Federação* e amplamente divulgada por meio da distribuição de folheto publicado por um grupo de republicanos da cidade de Bagé. Tinham o intuito de dar publicidade à carta, pois entendiam-na como uma autêntica manifestação republicana, acerca do basilar “problema imposto à moderna organização social” (Castilhos, 1900).

¹⁰ Em uma das cartas à esposa, Benjamin Constant revelou que desejava que ela tocasse, quando ele regressasse da guerra, uma valsa que ouvira ser tocada nos batalhões. “[...] desejo que toques, tenho gostado muito dela (talvez pelo título). Chama-se – A Saudade e o Encontro” (Lemos, 1999, p. 131).

¹¹ Agradeço a Liana Bach pelas informações sobre as cartas e o Museu Júlio de Castilhos.

Referências bibliográficas

- ALBECHE, Dayse Lange. *O herói Júlio de Castilhos e a tradição reordenada: imagens do gaúcho – história e mitificação*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- ALONSO, Ângela M. *Idéias em movimento – a geração 70 na crise do Brasil – Império*. Tese (Doutorado). 2000. FFLCH/São Paulo.
- CARTAS de Júlio de Castilhos: Porto Alegre: IEL; AGE, 1993. Apres.: Hugo Ramírez.
- CARVALHO, José Murilo. Os bordados de João Candido. *Manguinhos*. v. 2, n. 2, jul./out. 1995.
- _____. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi – Revista de História*, n. 1, 2000.
- CASTILHOS, Júlio de. *Carta ao Secretário da Devoção do Menino Deus*. Bagé: 1900.
- CASTRO, Celso. *Os militares e a república*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1905.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1988.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GONÇALVES, Carlos Torres. *Júlio de Castilhos e o positivismo*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1963.
- _____. *O centenário de Júlio de Castilhos*. Porto Alegre: Igreja Positivista do Brasil, 1960.
- LEAL, Elisabete. *O positivismo, o Partido Republicano Rio-grandense, a moral e a mulher (1891-1913)*. 1996. Dissertação (Mestrado) – PPG/UFRGS, Porto Alegre.
- LEMOS, Renato. *Benjamin Constant: vida e história*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- LEMOS, Renato (Org.). *Cartas da guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- PETIT, Annie; BENSUAUDE, Bernadette. Le féminisme militant d'un auguste phalocrate. *Revue Philosophique*. n. 3, 1976.
- PINTO, Celi R. J. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: L&CPM, 1986.
- PRADO, Paulo. Retrato do Brasil. In: SANTIAGO, Silvano (Org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 2000, v. 2.
- RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. *Castilhismo: uma filosofia da república*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1980.
- ROSA, Othelo. *Júlio de Castilhos: perfil biográfico e escritos políticos*. Porto Alegre: Globo, 1928.
- SOARES, Mozart Pereira. *Júlio de Castilhos*. Porto Alegre: IEL, 1991.
- WERNECK, Américo et al. *Júlio de Castilhos*. Porto Alegre: SEC; DAC; IEL, 1978.

